

Política monetária BC na mira

Lula volta a condenar juros altos e não descarta mudar meta de inflação

'Se não pode cumprir, é melhor mudar', diz o presidente, em referência ao limite de preços que o BC precisa atingir

ELIANE CANTANHÊDE
BRASÍLIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltou a condenar ontem os juros altos do Banco Central, avisou que vai discutir a questão na volta da China, no próximo dia 16, e não descartou rever a meta de inflação. Apesar de ser um tema polêmico, Lula resumiu: "Se a meta está errada e não pode cumprir, muda-se a meta".

Para este ano, a meta foi fixada em 3,25%, e será considerada formalmente cumprida se ficar entre 1,75% e 4,75%. A meta de inflação do próximo ano é de 3% e será considerada cumprida se oscilar entre 1,5% e 4,5%.

Para alguns economistas, se o governo quer mudar as metas, a decisão deveria ser rápida

para evitar ruídos, que acabam gerando mais inflação. Quando a inflação está alta, o BC eleva a Selic, a taxa básica de juros. Quando as estimativas para a inflação estão em linha com as metas, o BC pode reduzir o juro básico da economia.

Lula se queixou de que nos primeiros mandatos discutia as questões de juros e inflação abertamente com o BC, que agora tem autonomia. O Congresso, porém, aprovou a autonomia do BC justamente para blindar o órgão de interferên-

Limites
A meta de inflação fixada para este ano é de 3,25%, podendo oscilar até 4,75%

cia política. Segundo o presidente, os altos juros são "incompreensíveis, porque não tem uma inflação de demanda". Hoje, a Selic está em 13,75% ao ano.

Lula disse que vai indicar diretores para o BC de acordo com os "interesses do gover-

Conselho da Petrobras cobra de ministro 'nova' regra para preços

O conselho de administração da Petrobras reagiu às declarações do ministro de Minas e Energia (MME), Alexandre Silveira, sobre eventuais mudanças na política de preços de combustíveis da companhia e reduções no valor do diesel cobrado em suas refinarias.

O *Estadão/Broadcast* apurou que o colegiado enviou uma carta a Silveira cobrando a apresentação dessa nova diretriz para os preços, citada pelo ministro em entrevista na quarta-feira. O

documento é assinado pelo presidente do colegiado, Gileno Gurjão Barreto.

Em entrevista à *Globo-News*, Silveira chamou o atual modelo de preço de paridade de importação, o PPI, de "absurdo" e disse que "já determinou mudanças". O ministro também afirmou que haveria espaço para uma redução no preço do diesel entre R\$ 0,22 e R\$ 0,25 por litro.

A carta foi vista como uma forma de o conselho se proteger legalmente, já que informações sensíveis aos negócios de empresas de capital aberto devem ser comunicadas em fato relevante à Comissão de Valores Mobiliários (CVM). ● @ABRIEL.VASCONCELOS/RIO

nalto, quando Lula disse que sua primeira obsessão ao voltar à Presidência foi a retomada dos programas sociais dos seus dois governos anteriores, mas que a nova obsessão é o "desenvolvimento do País". E indicou que a chave para isso é crédito, outra ques-

tão que estará em pauta na sua volta da China.

PETROBRAS. Lula considerou "extemporânea" a manifestação do ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, sobre uma nova política de preços da Petrobras, que causou rebuliço no mercado e gerou um desmentido da própria companhia (*mais informações nesta página*).

"A política de preços da Petrobras será discutida pelo governo no momento em que o presidente da República convocar para discutir política de preço. Nós vamos mudar, mas com muito critério porque, durante a campanha, eu disse que era preciso abrigar o preço da gasolina e o preço do óleo diesel", disse Lula. "O Brasil não tem por que estar submetido à Política de Paridade Internacional (PPI). Mas isso é um problema que vamos discutir no momento certo".

Lula afirmou ainda que vai se reunir com a indústria automobilística e lideranças sindicais para discutir apoio ao setor, "que pode envolver alguma política de isenção fiscal". "Precisamos ter uma discussão mais profunda do que queremos da indústria automobilística brasileira, porque também precisamos assumir a responsabilidade de facilitar o financiamento", disse. "Não vamos ficar produzindo carro para um povo que não pode comprar." ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia & Negócios Caderno: B Pagina: 1